



Até quando será possível
suportar o peso
de um segredo?

«Para quem
gosta de se perder
nas histórias de
Lesley Pearse.»

A
Mulher
Escondida

JOANNA REES

Autora bestseller do *Sunday Times*

TOP
SEL
LER

Para a Tallulah, a minha foliona, com muito amor

1

Março de 1928

Vita Casey estava nos bastidores escuros do Les Folies-Bergère na Rue Richer, com os robes de seda de duas dançarinas pendurados descuidadamente num dos braços. Ao escutar o suspiro coletivo na sala, chegou-se à frente e viu o cabelo platinado de Julianne, que voava num arco langoroso, com os joelhos presos no trapézio suspenso do teto alto. Dali, Vita só conseguia ver uma pequena parte do público fascinado, mas a autêntica *joie de vivre* — como diziam os críticos franceses — era palpável no ambiente. Não se podia dizer que fosse surpresa, pensou Vita. Desde que Josephine Baker ali executara a sua sensacional dança dois anos antes, usando apenas uma saia feita de bananas falsas, aquele era um dos locais de diversão noturna obrigatórios de Paris.

Num ápice, Vita embrenhou-se novamente nas sombras quando o novo ato começou e a fila de coristas de seios expostos entrou a correr desde lá do fundo, avançando pela coxa central abaixo e subindo para o palco, ao som dos trombones roufenhos e estridentes. As raparigas levantavam agora as pernas, pontapeando o ar bem alto e deslocando-se ombro a ombro na sua linha perfeita, e o público — homens e mulheres em igual quantidade — batia palmas e aplaudia. Vita viu Nancy, a sua melhor amiga, a passar a correr por ela, com a saia de pregas vermelha que revelava as suas pernas tonificadas. Piscou o olho a Vita, com as faces cobertas de *rouge*, os lábios lustrosos de batom e a enorme pena branca do toucado a balançar. Vita acenou-lhe em resposta, mas tinha saudades da Nancy de outros tempos — não desta maluca do Les Folies, que ficava pedrada todas as noites, como se tivesse obrigação de ser sempre a mais ousada... a mais escandalosa.

Será que a Nancy sempre foi assim?, questionou-se Vita. Talvez sim, mas tinha saudades dos dias em que eram só as duas contra o mundo. Em retrospectiva, quando entrara à pressa, no último minuto, no comboio que saía de Londres, fugindo desesperadamente do irmão enlouquecido e vingativo, só com o passaporte da sua amiga Edith e a roupa que tinha no corpo, Vita tinha a cabeça num turbilhão. Mas Nancy, sempre prática, transformara a aterradora fuga para o continente numa verdadeira aventura.

Nem sequer tinham parado em Paris, que era o mais longe que a própria Vita sonhara chegar. Nancy insistira que se escondessem onde ninguém pudesse encontrá-las, por isso haviam trocado imediatamente de comboio na Gare du Nord e viajado para sul com o *Sr. Wild*, o cãozinho de Nancy.

Seguiram viagem para Roma e acabaram por ir ter a uma vivenda espantosa de uns velhos amigos da família de Nancy na costa Amalfitana, onde passaram o Natal e o Ano Novo — até deixarem de ser bem-vindas por terem bebido todo o álcool guardado na adega. Foram sobrevivendo graças às poupanças cada vez mais minguentes de Nancy, embora nunca rejeitassem uma refeição oferecida por outros viajantes. E, dado que Nancy era uma namorada absolutamente incorrigível e que o *Sr. Wild* conseguia fazer amigos onde quer que fossem, o exílio autoimposto rasava muitas vezes algo muito parecido com prazer.

Mas o dinheiro acabara por se esgotar e Nancy concluía que o melhor lugar para se restabelecerem era Paris. Contrariando a vontade de Vita, Nancy insistira. A Vita apavorava-a pensar que o irmão ainda estaria à procura dela, mas Nancy argumentara que, depois de todos aqueles meses, Clement estava de certeza cansado de andar à caça dela e que Vita nada tinha a recear.

Com o seu modo de ver sempre o lado positivo da mais horrível situação, Nancy achava que já tinham andado fugidas tempo suficiente e que Vita já não era Anna Darton — a rapariga que fugira dos maus-tratos da família. Não precisava de ser a filha espezinhada e assustada do dono de uma fábrica têxtil de Lancashire, podendo e devendo cumprir o seu destino como Vita Casey, designer e mulher moderna, versátil e fabulosa.

— Porque Paris, querida — decretara ela num sotaque americano arrastado —, é a cidade onde se deve estar.

Por isso Vita cedera, dizendo a si própria que, apesar de ter mudado de nome, de se ter escondido no coração da metrópole e de Clement, mesmo assim, a ter encontrado, Nancy tinha razão, e seguramente não aconteceria a mesma coisa ali em Paris. Não no coração da cidade mais mutável do mundo. Além disso, Nancy fora impecável com ela. Quem era ela para travar o sonho que a amiga tinha de conquistar Paris?

Quando chegaram, cheias de entusiasmo, Vita presumira que Nancy tencionava cumprir a promessa que lhe fizera em Londres de a ajudar a montar um negócio em Paris, o berço da *lingerie*. Dissera-lhe que iria cobrar alguns favores aos seus contactos de família, mas depressa se tornara claro que nenhum daqueles contactos se iria materializar, deixando Vita com a sensação de que as promessas de Nancy haviam sido vãs.

Em vez disso, Nancy dirigira-se logo para Les Folies-Bergère e, com as suas alegações pretensiosas acerca da experiência de ambas como dançarinas no Zip Club de Londres, não demorara muito a convencê-los a deixá-la entrar para a trupe. Já Vita não tivera tanta sorte. Não passara na prova, segundo a diretora porque, apesar dos seus *jolis* olhos azuis e do seu cabelo louro dourado, os seus seios eram demasiado grandes, e não se enquadraria no atual alinhamento de coristas.

Nancy, que acreditava firmemente que toda a gente acabaria por ceder aos seus desejos, dissera que era um disparate e que seria apenas uma questão de tempo até conseguir meter lá Vita também. Declarara que já o fizera antes, em Londres, e que o faria novamente em Paris. E que depois, já com algum dinheiro poupado, poderiam começar a pensar nos negócios de Vita.

Mas já passara mais de um ano e Vita não estava mais perto de recriar o seu incipiente negócio de roupa interior — a marca que batizara com o nome de Alto Gabarito — ou, pelo menos, de se juntar às bailarinas — não que se atrevesse, para dizer a verdade. Nancy parecia ter-se esquecido de que Vita nunca fora realmente uma bailarina de raiz.

Assim, em vez disso, Vita conseguia sobreviver ajudando as costureiras nos bastidores por um salário miserável, sob o olhar atento de Madame Rubier; mas o seu trabalho consistia sobretudo em ficar nos bastidores à espera de Nancy, pronta para estar às suas ordens. Sabia

que algumas das outras coristas se referiam a Vita de forma pouco simpática como a «esposa» de Nancy — uma piada que a própria Nancy gostava de perpetuar —, mas Vita perguntava-se, com cada vez maior frequência, quanto mais tempo iria continuar ali presa como a comparação de Nancy quando ansiava por se aventurar por conta própria.

Recuou um passo quando a dança acabou e as meninas se precipitaram na direção dela, lideradas pela beleza brasileira de Solange e pela ardente siciliana Collette, que passaram a trote por Vita para que as outras dez bailarinas se lhes pudessem juntar nos bastidores escuros, relaxando as suas poses de braços abertos assim que saíam de debaixo dos holofotes. As meninas traziam consigo um cheiro pungente a suor, perfume e bafo quente das luzes elétricas.

O aplauso do público foi ensurdecador, mas as coristas não iam repetir a sua atuação aquela noite. Em vez disso, emergindo do outro lado do palco, Tibor, da Rússia, preparava-se para começar o seu número contorcionista.

Vita entregou rapidamente os robes às raparigas, com sorrisos de encorajamento e felicitações breves: «*Bien joué, Adrienne*»; «*Quel spectacle formidable*», para Rosa; «*C'était magnifique*», para Madeleine e Simone. O último robe foi estendido a Nancy, mas o peito da amiga reluzia, os longos cordões de missangas aconchegados nos seios nus e atrevidos, e ela rejeitou-o. Sacudiu a cabeça e livrou-se da bandetele com a pluma, que entregou a Vita, antes de passar os dedos pelo cabelo negro curto.

— Vai mudar de roupa, miúda — disse ela, passando depreciativamente os olhos pela camisa de Vita, enfiada nas calças à boca de sino, que Vita não tinha qualquer intenção de despir. Ao lado das coristas exóticas seminuas, é verdade que o aspeto dela era um pouco urbano, mas Vita gostava do seu visual elegante. Fizera aquelas calças com um pedaço de tecido que Madame Rubier ia deitar fora, inspirando-se num anúncio a umas calças semelhantes feitas pela Coco Chanel.

— O que é que tem de mal?

— Primeiro vamos a casa da Solange e depois a um clube — disse Nancy, erguendo uma sobrancelha. — Vai ser muito divertido. E *ele* vai lá estar.

2

Um Desafio

Era costume «o gangue», como Nancy chamava ao grupo, ir a um clube dançar depois do espetáculo. Muitas vezes iam ao preferido de Nancy, «The Rodent» — ou Le Rat Mort, como todas as outras lhe chamavam —, propriedade da máfia corsa que tinha um ambiente fora de horas manhoso, onde todas podiam embebedar-se com vinho tinto barato e dançar freneticamente. Mas Vita preferia Le Grand Duc, que era conhecido como Bricktop's por causa de Ada, a dona ruiva que era maior do que a vida e que ensinara a dançar o *charleston* como deve ser a quem era alguém em Paris. Vita adorava a espontaneidade das canções noite dentro no Bricktop's e o facto de Ada se juntar às meninas, dançando noite fora no chão pegajoso.

Naquela noite reuniram-se todas primeiro no apartamento de Solange, convenientemente localizado a alguns quarteirões do Les Folies, ao fundo da Rue des Martyrs, perto de Notre-Dame-de-Lorette, no sótão daquilo que fora claramente, em tempos, um opulento bloco de apartamentos — embora agora fosse decididamente decadente.

Solange ainda usava um dos seus vestidos de dançarina sem costas, uma bandelete de lantejoulas à volta do cabelo preto encaracolado e as ligas e collants com costura atrás a verem-se. De pele escura e exótica, possuía uma flexibilidade excepcional, tendo dançado nos Ballets Russes quando a companhia andara em digressão pela América do Sul, antes de chegar a Paris. Era pequena, mas tinha uma voz forte e uns olhos castanhos intensos, o que significava que as pessoas geralmente faziam o que ela mandava.

Como de costume, estava rodeada da sua corte no meio da agitada sala de visitas.

Algumas das dançarinas estavam sentadas, refasteladas sobre a banquetta de veludo redonda rosa-choque, debaixo da rosácea de gesso em desagregação e do candeeiro poeirento pendurado por um fio de aspeto perigoso. As outras estavam no canapé junto das janelas que iam do chão até ao teto. Rosa estava deitada com uma perna comprida esticada para cima contra a cortina puída, o tecido de seda azul desbotado onde o sol batia. Vita constatou que, mesmo quando deviam estar a descansar, as bailarinas estavam constantemente em movimento, sempre a fazer alongamentos e flexões.

Maxwell, um amigo do grupo, particularmente elegante naquela noite no seu imaculado casaco de abas, estava a trocar o disco no gramofone. Ouviu-se um sonoro crepitar quando a agulha começou a tocar a canção seguinte.

Vita conteve um bocejo. Ao contrário de Nancy, que ficava na cama a maior parte do dia, ela era madrugadora — graças às exigências do *Sr. Wild* —, e agora, ao chegar à meia-noite, sentia-se cansada e infinitamente mais ansiosa pela sua cama do que por uma ida a um clube. Mas não podia ir embora. Ainda não. Sobretudo quando Nancy estava apenas a aquecer.

Vita observou a amiga a beber um grande gole do *coquetele* que tinha na mão: um 75, pelo aspeto, pensou Vita; uma bebida letal de gin e limão. Para serem modernas, todas bebiam cocktails, com Nancy a liderar frequentemente o ataque com misturas cada vez mais inebriantes, e o 75 era um dos seus preferidos. Vita nem sequer aguentava beber um sem ficar de imediato com a cabeça à roda.

— Queres? — perguntou Nancy, estendendo-lhe o copo depois de beber uma longa golada. — Não está muito forte, garanto.

— Não, obrigada — disse Vita, mas Nancy já não a ouvia.

A música tomou subitamente conta do ambiente — uma toada vibrante, com os clarinetes e os trompetes bem mais audíveis do que o banjo e os instrumentos de sopro. As raparigas saltaram do sofá com um grito coletivo e começaram a dançar.

— Oh, olha, já chegaram! — exclamou Nancy, acenando com a mão para a porta aberta do apartamento.

Uns seis homens entravam em fila pela porta, passando com dificuldade pelo meio das pessoas que conversavam no pequeno vestíbulo. Vita reconheceu-os como sendo a banda residente do Les Folies.

O coração parou-lhe por instantes quando viu Fletch lá atrás, a ajudar a carregar o contrabaixo de Bobo pelo último lanço de escadas acima.

— Segura aqui, querida — gritou Nancy para se sobrepor à música, pondo o cocktail na mão de Vita antes de atravessar o chão de parquê de braços abertos, num gesto exagerado de boas-vindas. Safava-se com a sua ousadia e forma de ser espalhafatosa por ser americana, pensou Vita, mas ela era mesmo assim — uma pessoa que procurava atenção e se divertia com isso, adorando cada instante. Com a saia a deixar um pouco mais à mostra, deu um beijo a Bobo e depois a Fletch, que se riu da receção efusiva.

Apesar das suas poucas e curtas conversas com Fletch, o novo trompetista, Vita gostava da sua autoconfiança natural quando ele se levantava no meio da banda no fosso da orquestra à frente do palco, com o trompete erguido na direção do balcão. Havia algo extremamente elegante e moderno nele, e exótico também. Ela reparou no seu ar tímido quando ele limpou o batom de Nancy do rosto.

Enquanto todos se dirigiam para a sala de visitas, Nancy voltou para junto de Vita, dançando ao som da música.

— Não fiques com esse ar — repreendeu-a.

— Que ar?

— Como se quisesses que o chão te engolisse. Já não estamos em Inglaterra; isto é Paris. Não há nada de mal em gostar de homens de cor. Como é que os franceses lhe chamam? *Négrophilie*. O amor pelas coisas negras.

— Chiu — disse Vita, temendo que alguém a ouvisse. A subtileza era de facto um conceito totalmente estranho a Nancy. Já estava arrependida de ter deixado escapar que tinha uma paixoneta por Fletch.

— Não sejas tímida, querida. É demasiado óbvio que gostas dele. De facto, desafio-te a ter uma aventura com ele. — Atirou com a luva ao chão, e Vita lembrou-se dos desafios de outros tempos entre elas.

Vita fez-lhe uma careta.

— Isso não vai acontecer.

— Porque não?

— Porque...

— É disso que precisas, Vita. Já te disse que tens de voltar a ser como eras e deixar-te de choraminguices por causa daquele horrível Archie Fenwick.

— Não ando com choraminguices.

— Além disso, sabes o que se diz acerca dos tocadores de trompete?

— O quê?

— Que a embocadura os torna bons de boca a dar beijos... e noutras coisas mais — disse Nancy, levantando as sobrancelhas, com os olhos a descer até ao baixo-ventre da amiga. Vita arquejou com a sugestão indecente, mas Nancy limitou-se a sorrir, pegando nos cigarros e fósforos que estavam junto do candeeiro, na mesa. — Agora, põe-te a andar! — ordenou ela, dando uma joelhada ao traseiro de Vita para que esta se precipitasse para a frente na direção dos recém-chegados.

Vita arregalou-lhe os olhos por cima do ombro, incomodada por Nancy vir logo atrás dela, com aquele sorriso maroto que tão bem conhecia.

3

Fletch

Fletch vestia um fato preto e uma camisa branca com o colarinho desapertado. Nas mãos, tinha um chapéu de feltro e um estojo castanho.

— Fletch, querido, lembras-te da Vita? — perguntou Nancy, agitando um fósforo aceso entre os dois e acendendo de seguida o cigarro preso entre os dentes. — Aquela de quem te falei. É a nossa roupeira — acrescentou Nancy de forma sugestiva, expelindo fumo para o teto. — É uma grande costureira. Faz soutiens e toda a espécie de coisas.

Nancy já lhe tinha falado dela? Retratará-a como estando bem abaixo das dançarinas, reparou Vita, com aquela sensação demasiado familiar de estar amarrada a Nancy.

— Olá, Vita, que bom voltar a ver-te — disse Fletch de uma maneira charmosa e bastante antiquada. Tinha sotaque americano (do Sul, achava Vita) e um sorriso incrivelmente honesto. Provavelmente seriam da mesma idade, pensou Vita, analisando a sua pele lisa e jovem. Ele ajeitou o cabelo brilhante para trás com a mão. — Então, minhas senhoras, o que se passa aqui?

— Por enquanto pouca coisa. Estávamos à tua espera. A noite ainda é uma criança — exclamou Nancy, afastando-se com as franjas do vestido a balançar e piscando o olho a Vita por cima do ombro.

— É notável, a tua amiga — disse Fletch.

Tinha um bigode muito fino e bem aparado por cima dos lábios cheios. Vita teve então uma visão repentina: imaginou-o a fazer a barba de manhã e pensou como seria vê-lo meio despido...

— É, não é? — concordou, alarmada com a sua fantasia.

Fletch olhou para a sala de visitas e começou a andar.

— Preciso de uma bebida. Queres reabastecer, Vita? — perguntou, acenando com a cabeça para o copo quase vazio de Nancy, que Vita tinha na mão. Ela seguiu-o. Gostava da forma como ele dizia o nome dela: *Vida*.

O que é que ela esperava, perguntava-se, nos seus vagos devaneios sobre Fletch? Ele era tão diferente de todas as pessoas que ela já conhecera, mas, mais uma vez, deu por si a sentir-se atraída pelo seu charme natural; embora não pudesse imaginar o que a mãe, Theresa Darton, diria se a visse agora, conversando com aquele negro bem-parecido.

Mas Nancy tinha razão. Estavam em Paris, e, com a cidade «inundada de estrangeiros», como lera nos jornais — especialmente americanos, tanto quanto conseguia perceber —, tinha-se habituado a todo o tipo de tons de pele e sotaques. E adorava a diversidade à sua volta: cada rosto novo trazia uma história diferente à vibrante cidade. Por isso, talvez não fosse tanto a cor da pele de Fletch que estivesse a fazê-la sentir-se corada e infantil, mas o facto de Fletch ser um homem... um homem muito atraente por sinal.

Atravessaram a sala de visitas lado a lado, abrindo caminho por entre os dançarinos, que rodavam os braços como pás de um moinho, e chegaram ao aparador espelhado onde uma impressionante variedade de garrafas os aguardava. Fletch pousou o estojo castanho e pegou numa das garrafas.

— Serve-te à vontade — disse-lhe Solange, enquanto passava por eles nos braços de Maxwell, elevando a voz por cima da música. — Ficámos sem cerveja. O Tomas estava a fazer cocktails, mas foi buscar mais gelo.

— Ah, bolas — retorquiu Fletch, olhando para as garrafas. — É um pouco cedo para beber absinto — brincou ele, pousando a garrafa e escolhendo outra garrafa verde. — *Pernod*. Acho que serve. Queres?

Vita acenou com a cabeça e ele sorriu em aprovação, antes de arrebancar o último gelo do balde e colocar várias pedras em dois copos sobre a bandeja de prata amolgada. De seguida, serviu um dedo de líquido âmbar, antes de pegar no jarro da água e estender o copo a Vita.

— Quando estiver bom, diz.

— Assim está bem — disse ela, vendo o líquido adquirir um tom amarelo opaco enquanto ele lhe juntava água.

Fletch entregou-lhe o copo, e a ponta do dedo dele roçou acidentalmente no dedo dela. Enquanto ele a olhava nos olhos, ela sentiu as faces a ruborescer.

— *Salut*, como eles dizem — brindou ele, depois de preparar a sua própria bebida.

Quando a bebida com sabor a alcaçuz lhe queimou a língua, Vita virou-se, agitada, lado a lado com ele por instantes, observando os pares a dançar. Não estava habituada a namoriscar, e esta silenciosa atração entre eles fê-la sentir-se constrangida e tímida.

Mas o momento desvaneceu-se de repente quando Fletch foi arrastado para a pista de dança, com Collette a roubar-lhe o chapéu e a usá-lo como adereço da dança, pondo-o e tirando-o da cabeça repetidamente. Vita observava, remoendo sobre o que acabara de acontecer.

Não sentia aquele formigueiro — aquela atração eletrizante — desde Archie, e agora sentia-se alvoraçada e insegura.

Não pôde deixar de recordar as palavras de Nancy. Archie não era «horível». Será que Nancy pensava mesmo isso dele? E era assim tão óbvio que andara deprimida por causa dele? Talvez. E agora sentia-se culpada, como se estivesse a traír Archie ao achar Fletch tão atraente, embora a ideia fosse absolutamente ridícula.

Archie tinha desaparecido para sempre. O amor da sua vida estava casado com a enjoada e enfadonha Maud, e ele nunca saberia como lhe despedaçara o coração. Na verdade, ainda estava em pedaços... ao fim de todo aquele tempo. Porque é que ela não conseguia esquecê-lo e seguir em frente?

Talvez fosse porque não conseguia deixar de remoer nos «ses». E se Archie soubesse quem ela realmente era? Será que as coisas podiam ter sido diferentes se ele soubesse que ela era muito mais do que a menina rebelde com cabelo *à la garçonne* que a mãe dele presumira que Vita era? Mas agora era demasiado tarde. Archie estava fora da sua vida de vez.

Por isso, se calhar Nancy estava certa. Ela precisava mesmo de tirar o fantasma de Archie da cabeça. E talvez Fletch fosse a melhor forma de o fazer.

4

A Cidade das Luzes

Só uma hora mais tarde é que Vita teve a oportunidade de voltar a falar a sós com Fletch.

— Aquilo está tão alto — disse ela, acenando com a cabeça para o enorme altifalante do gramofone, que tocava num volume elevado uma canção *ragtime* de Scott Joplin. Solange estava a obrigar Maxwell a pôr a tocar discos de dança um a seguir ao outro. — Alguém devia pôr-lhe uma meia lá dentro — acrescentou ela, um truque que ela e Nancy conheciam para abafar o som.

— Preciso de apanhar um pouco de ar fresco. Queres vir? — perguntou Fletch, acenando com a cabeça para a janela.

Lá fora, na varanda, Vita sentiu um arrepio de frio. Fletch fechou a porta e, com a festa silenciada, os ouvidos dela tiveram de se reajustar ao sossego. Lá em cima, as estrelas brilhavam dispersas sobre o céu escuro, e a meia-lua brilhava, amarela. Lá em baixo, à distância, ouvia-se o matraquear dos cascos de um cavalo sobre as pedras da calçada. Um automóvel buzinou ao longe.

Vita debruçou-se sobre a balaustrada ornamentada de ferro fundido e olhou para a rua estreita lá em baixo, onde as persianas brancas da maioria dos edifícios estavam agora fechadas. Do outro lado da rua, os gradeamentos estavam lotados de bicicletas, mas a vizinhança estava silenciosa. O sino da igreja tocou uma vez.

— Veste isto — disse Fletch, tirando o casaco e colocando-lho à volta dos ombros.

— Obrigada — respondeu Vita, apertando o tecido um pouco estranho à sua volta. Cheirava tranquilizadamente a homem: a tabaco e a brilhantina.

— Anda — disse Fletch, subindo para o muro de pedra que separava a varanda de Solange do apartamento do lado. — Vamos ver as vistas.

— A sério? Queres ir lá acima? — perguntou Vita. Agora que sentia o ar frio, apercebia-se de que estava mais bêbeda do que pensava, e subir pela fachada de pedra do edifício parecia-lhe bastante arriscado.

— Claro. Esta é a única razão pela qual a Solange ficou com este apartamento. Anda — insistiu Fletch, com o sapato castanho e branco já em cima da balaustrada de pedra seguinte. Tinha o estojo do trompete debaixo de um braço e a bebida na mão.

— Vais levar isso contigo? — perguntou Vita.

— A *Mabel*? Nunca a deixo — disse Fletch, esticando-se para pôr o trompete em segurança no telhado plano. — E muito menos numa sala cheia de gente como aquela. Não confio em nenhum deles.

Vita espreitou pela abertura nas cortinas e viu Nancy a dançar no chão de parquê, levantando as pernas no ar. Ele tinha razão.

— O teu trompete tem nome?

— Claro. Passa-me a tua bebida — pediu ele, e ela entregou-lha, maravilhada com a facilidade com que ele subia para o pesado beiral de pedra, esticando-se e pondo as bebidas fora de vista, acima dele. Depois inclinou-se para trás, agarrando-se e estendendo uma mão para Vita, que subiu pela parede acima, segurando-se à grande pedra. Dali de baixo, olhando para cima, via o corpo exercitado de Fletch.

Ela içou-se, rindo-se com o esforço e contente por não ter dado ouvidos a Nancy e ainda ter vestidas as calças compridas à boca de sino. De seguida, esticou-se e aceitou a mão quente de Fletch, que a puxou para si, com as mãos ainda dadas e o corpo dela encostado momentaneamente contra o seu. Uma onda há muito esquecida de desejo sexual atravessou-a naquele momento, e lembrou-se da primeira vez que a sentira.

Na sua mente surgiram imagens vívidas de quando nadava no lago da imponente casa de Archie, de como os seus corpos se enroscaram e de como tinham feito amor na casa dos barcos — apesar dos seus esforços por banir essa memória —, e de como o seu corpo reagira.

Ela soube que era errado na altura, e sabia que era errado agora, mas parecia incapaz de combater o sentimento de saudade e desejo. Seria saudade de Archie ou desejo de Fletch?

— Uau! — exclamou ela, afastando-se e observando a vista pela primeira vez, enquanto descia da fachada de pedra para o telhado plano de chumbo. De um lado, via parte das velas iluminadas do moinho de vento do Moulin Rouge, em Pigalle; e, do outro lado, mais ao longe, a Torre Eiffel, iluminada por centenas de luzes, deslumbrante contra o céu noturno. Respirou fundo, escutando os carros ao longe e a vibração da cidade.

Lembrou-se de como costumava ir para o telhado com as raparigas do Zip Club, em Londres. E depois houve aquela outra noite no telhado: a noite em que se entregara a Archie Fenwick. *Não penses nele*, disse a si própria. *Não penses*.

Archie Fenwick tinha-a usado e dececionado. Aquela noite no telhado? Fora tudo mentira. Mas mesmo assim, com todas aquelas recordações, não podia deixar de sentir que estar sozinha ali em cima com Fletch era inebriantemente intimista.

— Daqui fica bem claro por que motivo lhe chamam a Cidade das Luzes — disse Fletch, colocando-se a seu lado. — É mágica, não achas?

Ela sorriu, olhando para a cidade, adorando vê-la assim pela primeira vez. Quando pensava em Paris, costumava imaginá-la muito diferente de como era na realidade. Pensou que seria chique e recatada, e de alguma forma séria e fechada, mas não era nada disso. Agora que ali estava, via como era vibrante e cheia de vida, e cada novo momento parecia uma revelação.

5

Um Americano em Paris

Dirigiram-se para a parede da chaminé onde tinham sido colocadas duas cadeiras baixas com uma mesa entre elas. Uma espécie de trepadeira serpenteava parede acima a partir de um vaso, e havia um livro aberto sobre a mesa, com um copo vazio ao lado. De dia, era claramente um ótimo local para apanhar banhos de sol.

Vita sentou-se na cadeira, apertando o casaco de Fletch à sua volta enquanto ele colocava as bebidas em cima da mesa. Ela gostava de estar ali em cima, com a música abafada da festa por baixo deles e o som de risos a elevar-se sobre a agitação.

Pegou no livro, abrindo a capa castanha para ver as páginas interiores de papel vermelho marmoreado. Era um romance de Agatha Christie, *O Misterioso Caso de Styles*, e Vita sorriu, recordando a história do detetive Hercule Poirot. Oferecera o livro a Nancy, que só se interessara por ele na altura em que a escritora esteve desaparecida. Houvera uma enorme caça ao homem, amplamente noticiada em toda a imprensa. Sir Arthur Conan Doyle dera uma luva de Agatha Christie a um médium para que a encontrasse, e ela acabara por aparecer num hotel em Harrogate. Nancy, que acreditava convictamente em clarividentes, estava convencida de que tinha sido a luva a resolver o mistério.

— Gostas de ler? — perguntou Fletch.

— Adoro passar o tempo nas livrarias a folhear livros. Costumo ir à Shakespeare e Companhia. Conhece-la?

Fletch abanou a cabeça.

— Lamento, mas livros não são o meu forte. Gostaria de ler mais, mas geralmente durmo de dia. E a *Mabel* ocupa-me muito tempo.

Vita acenou com a cabeça, apercebendo-se de como a vida dele era diferente da dela e de como ser músico era mais uma escolha de vida do que uma profissão.

— Como vieste parar a Paris? — perguntou ela.

— Da mesma maneira que todos os outros. Lutei nas trincheiras e depois não consegui voltar para casa. Sobretudo por causa da maneira como as coisas estão por lá.

— Como assim?

Fletch suspirou.

— É difícil para vocês, europeus, compreenderem. Especialmente aqui. Mas de onde eu venho, estar aqui contigo agora, uma mulher branca... seria motivo para ir preso, sem dúvida.

Vita sentiu-se envergonhada por ter sentido um *frisson* de... não era preconceito, mas excitação por ele ser diferente.

— Não fazia ideia de que fosse assim tão mau.

— É pior do que podes imaginar — prosseguiu ele. — Mas gosto de poder andar por Paris e de as pessoas me chamarem *monsieur*, e não algo muito pior. E de tu e eu podermos partilhar a mesma fonte de água, enquanto na minha terra eu podia ser preso por isso. Mas aqui... aqui posso ser músico como quero, e a *Mabel* pode fazer a sua magia, permitindo-me fazer bom dinheiro com a banda.

Os olhos dos dois encontraram-se durante um longo momento, e Vita sentiu o olhar a fugir-lhe para os lábios cheios de Fletch. A recordação do comentário recente de Nancy fez com que corasse subitamente. Envergonhada, fez um gesto com a cabeça para o estojo dele.

— E então, tocas qualquer coisa para mim?

— Se quiseres — disse ele, abrindo o estojo. A campânula do trompete de metal brilhou ao luar quando o tirou da caixa forrada a veludo. Passou a língua pelos lábios e, com a ponta dos dedos a oscilar sobre os três pistões, pressionou-os numa sucessão rápida para que clicassem suavemente. Humedeceu novamente os lábios com a língua, pressionou-os sobre o pequeno bocal, tocou uma nota e ajustou a afinação.

— Bem, o que queres ouvir?

— Qualquer coisa, tanto faz — disse Vita, observando-o. Ele sorriu, baixou-se para o estojo e retirou uma cabeça de borracha. — O que é isso?

— Uso-o como surdina, mas na verdade é um desentupidor de canos — respondeu ele, fazendo com que ela desse uma risada. — Tirei-o de um hotel.

Começou com uma melodia de *jazz*, usando a surdina numa mão para alterar o som, de modo a conseguir um efeito tipo «wah-wah».

— Oh, não pares — disse Vita, quando ele afastou o trompete dos lábios e sorriu timidamente para ela.

— Que mais queres ouvir?

— Toca qualquer coisa de que gostes. Algo que eu ainda não tenha ouvido. Surpreende-me.

Fletch devolveu a surdina ao estojo, fechou os olhos e ficou em silêncio por instantes, como se esperasse que a música lhe viesse à memória. Começou então a tocar uma melodia sublime que parecia ressoar nos telhados em volta. Era muitíssimo romântica — simultaneamente exuberante e elegante.

Quando a nota final soou, ele ainda tinha os olhos fechados, e deu-se um momento fascinante: o tempo pareceu ficar suspenso enquanto a música se desvanecia, cessando por fim. Fletch baixou o trompete e sorriu para ela.

— Oh, meu Deus! — exclamou Vita, impressionada. — É mesmo lindo! Como se chama?

— É um trabalho em curso de um tipo chamado Gershwin. Só há pouco é que esta melodia me veio parar às mãos... — Voltou a tocar uma parte. A forma como o próprio Fletch admirava a música era extraordinariamente atraente. — Ainda está a escrevê-la; chama-se *Um Americano em Paris*. Sabias que ele comprou todas as buzinas de carro que conseguiu só para poder replicar o som da hora de ponta na Place de la Concorde?

— Oh, Fletch, és tão talentoso — disse ela, desejando que tocasse mais. — Era capaz de ficar a ouvir-te a noite inteira.

Fletch encolheu os ombros.

— Toda a gente tem um talento. Segundo a Nancy, tu tens talento para a costura.

— Pois, mas é uma coisa completamente diferente.

— A minha avó também é uma grande costureira — disse ele, voltando a colocar a *Mabel* no estojo revestido a veludo. — Eu nem sequer me atreveria a tentar fazer a mais simples das coisas que ela faz.

Ele parecia tão bom, tão decente, que agora Vita se sentia envergonhada por a sua marca de roupa interior Alto Gabarito provavelmente estar nos antípodas das colchas de retalhos que imaginava a avó dele a costurar.

— Não é um talento assim tão grande. Dou uma ajuda a tratar das roupas para as meninas, mas... bem, gostaria de ter as minhas próprias criações.

— Então porque não o fazes?

Ele parecia tão honesto e a bebida tinha-lhe soltado de tal forma a língua que Vita contou a Fletch a sua história — sobre como fugiu de casa e como Nancy a encontrara em Londres, como ajudara Percy a fazer a roupa para as coristas do Zip Club e como tinha concebido um soutien. Ao contar-lhe, lembrou-se do primeiro soutien que fizera para Nancy, e de como esta se pavoneara, espetando o peito para fora, declarando que era fabuloso.

Revelou-lhe que, durante algum tempo, andara inebriada com a onda de entusiasmo de Nancy; que conseguira um contrato para fazer soutiens para a modista de Nancy, a Sra. Clifford-Meade, e até que a roupa interior da Alto Gabarito fosse vendida num grande armazém. Na altura estava tão eufórica, tão certa de que estava prestes a conseguir realizar algo importante...

— Mas, pronto, agora acabou — disse ela. — Era só uma coisa pequena.

— Porque é que acabou? A mim parece-me que ainda tens um sonho — comentou Fletch.

— Sim, acho que sim — admitiu Vita, surpreendida com o facto de Fletch parecer realmente interessado e por ter sido tão fácil ser franca com ele. — Mas é difícil, sabes. Tenho a renda para pagar e... a Nancy e...

Perdeu o ânimo. Qual era a desculpa para não fazer ali, em Paris, o que tanto gostara de fazer em Londres? Será que estava desagradada por Nancy parecer ter-se esquecido do quanto queria que Vita fosse bem-sucedida? Ou será que tinha medo de fazer algo sozinha, agora que Percy, o seu amigo costureiro, não estava por perto para a ajudar? Ou porque, ainda agora, continuava a olhar por cima do ombro quando andava na rua, por vezes convencida de que Clement podia estar a segui-la?

Os olhos castanhos achocolatados de Fletch cravaram-se nos dela durante um longo momento, e ela sentiu de novo algo a agitar-se dentro de si.

— Se queres que te diga, parece-me que está na hora de parares de te esconder nas sombras, Vita — disse ele.

6

A Lenta Caminhada para Casa

Vita esperava que ir a pé da festa para o apartamento pusesse Nancy sóbria, mas o efeito parecia estar a ser o contrário. O plano de ir a um clube fora abandonado depois de Tomas regressar ao apartamento de Solange com mais alguns amigos, que tinham vindo munidos de garrafas de vodka, gin, cássis e vermute para fazer cocktails. Tinham todos ficado terrivelmente embriagados e alegres, e a música tocara a noite toda.

— Eu disse-te, não te disse?! — gritou, escorregando na borda do passeio e rindo. Vita desviou-se para evitar o cigarro aceso de Nancy, que esta agitava no ar de forma aleatória. — Eu *sabia* que o Fletch gostava de ti.

Vita estava arrependida de ter contado a Nancy sobre o tempo que passara com Fletch no telhado. Ele tinha-a deixado tocar a *Mabel* — ou, pelo menos, tentar —, mas os seus esforços para conseguir arrancar uma melodia do instrumento limitaram-se a produzir ruídos grosseiros, e ela tivera um ataque de riso. Ficara tremendamente desalentada quando Solange gritou da varanda a exigir que Fletch fosse para dentro e tocasse com a banda, em vez de acordar a vizinhança toda, e eles voltaram para a festa como crianças malcomportadas.

— Porque não o beijaste quando tiveste oportunidade? — perguntou Nancy.

— Só falámos. E ele tocou. Oh, Nancy, foi tão bonito.

Vita sorriu, na esperança de que fosse verdade. Fora uma noite divertida, e pela primeira vez em muito tempo tinha-se soltado, adorando a maneira como Fletch ocasionalmente cruzava o olhar com o dela. Pouco antes, quando toda a gente decidira dar a noite por terminada e

começara a sair de fininho da festa para ir para casa, ele depositara-lhe um beijo na mão, dizendo que esperava que se voltassem a ver em breve.

Faltava pouco para o romper da aurora e estava frio. Vita apertou o casaco à sua volta, desejando que Nancy se apressasse, mas a amiga estava demasiado ébria. Os seus saltos altos oscilavam na calçada de pedra. Sentiu um ténue cheiro a peixe no ar, ao passar pela *poissonnerie*, com os seus expositores esfregados e limpos; avançaram pela rua em direção à *pâtisserie* artesanal, onde havia uma luz acesa lá ao fundo, na cozinha, indicando que os cozinheiros já faziam aqueles pequenos pães *choux* de baunilha que Vita frequentemente namorava na vitrina.

— E agora vais ter dezenas de homens à tua volta — disse Nancy, fazendo mais um amplo gesto com o braço.

— Não sejas tola.

— É verdade. É a regra. Só precisas de um. Quando um homem te acha atraente, todos os outros o acham também. Como aquele; aposto que aquele também gosta de ti.

Vita olhou para o homem indicado pela amiga que atravessava a rua mais à frente, vindo da Rue de Navarin.

— Gostas da minha amiga? — gritou Nancy, mas o homem fez um som de desaprovação e estugou o passo, os sapatos ecoando sobre a calçada.

— Vamos, está na hora de ir para casa — disse Vita, ficando ela própria rapidamente sóbria agora que tinha de agarrar Nancy antes que se engalfinhasse com um estranho. Quando estava assim tão bêbeda, Nancy ficava volátil ou, ainda pior, piegas — e Vita estava ansiosa por levá-la para casa e enfiá-la na cama antes que fizesse uma cena.

— Eu devia casar-me, sabes? Devia ter feito o que a minha mãe me dizia. Podia ser rica. *Devia* ser rica — disse Nancy com a voz arastada enquanto caminhavam. Tinha por hábito parar e frisar o seu argumento pomposamente, o que fazia com que progredissem ainda mais devagar. — Não gosto muito de homens, mas seria de esperar que encontrasse pelo menos um que servisse. Especialmente aqui — continuou. — Mas não é assim tão fácil. Para ti é. Os homens gostam de ti. Mas não de mim.

— Não é verdade — retorquiu Vita, ansiosa por manter Nancy a caminho da casa. Ela tinha tendência para fazer isso, começar com

comparações ciumentas com o objetivo final de fazer com que Vita condescendesse e lhe declarasse lealdade eterna. — Seja como for, as pessoas não deviam casar-se por amor?

— Pff! Que disparate! — exclamou Nancy. — Já ninguém se casa por amor. Esse é o maior erro que se pode cometer.

Vita colocou o braço firmemente à volta dos ombros de Nancy e dirigiram-se para a frondosa Avenue Trudaine, sempre com Nancy a lamentar-se acerca da sua vida de solteira e do maravilhoso apartamento de Solange. Sem lhe prestar atenção, Vita observou os restaurantes fechados, com as cadeiras de vime viradas em cima das mesas, e os postes de iluminação ornamentados a iluminarem as ruas vazias. Uma carroça do leite passou por elas a chocalhar, com os cascos dos cavalos a golpearem a pedra da calçada.

Não tardou que chegassem à Praça d'Anvers. Normalmente viam-se ali crianças em idade escolar a brincar, e havia um pequeno mercado de rua todas as sextas-feiras, onde Vita comprava amiúde flores com desconto ao fim do dia. Agora, uma raposa atravessava a extensão de relva envolta numa névoa fina.

Caminharam ao longo de um dos lados da praça, passando por Le Grand Comptoir, o animado restaurante de ostras a que de vez em quando iam quando Nancy recebia o seu cheque do Les Folies. Ao fundo, bem no topo da colina, as cúpulas brancas da basílica do Sacré Coeur brilhavam de forma sepulcral ao luar.

Chegaram finalmente à Alameda de Rochechouart, normalmente apinhada, mas que agora estava deserta, e passaram por Anvers, a estação de metro local, com aquela fantasiosa sinalética verde e dourada característica da Arte Nova. Costumavam ir a pé para todo o lado, mas Vita gostava de andar de metro de vez em quando, já que, para ela, a novidade e o encanto do metro ainda não se tinham esgotado. Orgulhava-se de ter decorado o mapa do metro por si só e ficava fascinada com os nomes das estações. Apanhava frequentemente a linha Nord-Sud de Montmartre para Montparnasse.

— Devíamos ir a um clube — disse Nancy, constatando de repente onde estavam. — Porque é que vamos para casa? Não quero ir para casa. Vamos divertir-nos.

— Não, vá lá — disse Vita, puxando-a para o outro lado da rua, passando pela fachada de madeira preta da Sympa, a camisaria da

esquina, e subindo a calçada íngreme até ao bloco de apartamentos delas na Rue d'Orsel.

Cansada, Vita tirou a chave da mala e, sem fazer barulho, abriu a porta azul desbotada do edifício.

— Chiu — pediu a Nancy, que estava encostada à ombreira de madeira da porta. — Não acordes a Madame Vertbois.

Madame Vertbois

Vita enfiou a cabeça pela entrada do seu prédio e olhou para lá da recepção, onde a escadaria de pedra começava. Depois, puxando Nancy para dentro e fechando a porta o mais silenciosamente possível, ergueu o olhar: o gradeamento preto da escada curvava-se para cima como uma espiral de Fibonacci na escuridão. Esperava que ainda lhes desse tempo para chegar às escadas.

Mas era demasiado tarde. A luz acendeu-se na recepção e Vita gemeu quando a porta de madeira castanha se abriu ruidosamente e a feroz porteira apareceu à porta.

Madame Vertbois envergava, como habitualmente, um vestido preto sem forma, um xaile de croché à volta dos ombros e um lenço castanho a cobrir-lhe o cabelo. Como em tempos fora professora, Vita, apesar da forte desaprovação de Nancy, ia duas vezes por semana ao seu gabinete para praticar o seu francês coloquial, numa tentativa de amolecer o coração insensível da velha. Ao contrário de Nancy, Vita estava apaixonada pela língua francesa e continuava encantada com a novidade de aprender pequenas frases típicas e expressões idiomáticas. Nos últimos meses, Madame Vertbois cedera gradualmente, vencida pelo entusiasmo de Vita, e haviam desenvolvido uma espécie de relação, pelo que ela não podia arriscar que Nancy estragasse tudo naquele momento. Contavam com Madame Vertbois para de vez em quando deixar entrar os vizinhos no seu apartamento para levar o *Sr. Wild* a passear, quando ambas estavam no clube.

Havia um aquecedor elétrico na recepção, e o gato, que estava a dormir em frente dele, veio para junto dos pés da idosa, arqueando as costas. Vita lembrou-se do gato da Sra. Beck, *Casper*, da pensão que

partilhara com as meninas do clube e com Percy, em Londres. *Casper* gostava de Vita, mas aquele gato assanhou-se.

— *Bonjour*, Madame — disse Vita com deferência.

— Que horas são? — retorquiu Madame Vertbois em francês, com o rosto franzido em desaprovação. O pescoço enrugado caía-lhe flácido debaixo de um crucifixo de ouro. — É muito tarde — observou, de forma enfática. — *Très tard* — acrescentou, enrolando o «r» para reforçar o efeito.

Observou Vita de alto a baixo e depois olhou fixamente para Nancy, empurrando os óculos para cima no nariz para ver melhor. Vita espertou o cotovelo nas costelas de Nancy para que se comportasse.

— Eu ouvi-vos. A virem da rua de baixo.

— Nós não — mentiu Vita, no seu melhor francês. — Acabámos de sair do táxi. Há muita gente na rua esta noite.

— Pessoas *más* — acrescentou Nancy em inglês.

Os olhos de Madame semicerraram-se e ela levantou o queixo.

— Não acordem ninguém lá em cima.

— Pode ficar descansada. Boa noite.

— *Bonne nuit, chérie* — disse Nancy num sussurro destinado a ser ouvido pela mulher mais velha.

— Chiu — advertiu Vita, empurrando-a por trás.

— Chiu — imitou-a Nancy, rindo.

— Estou a falar a sério — disse Vita. — Não a provoques. Ela põe-nos na rua.

— Ela não te põe na rua. Ela gosta de ti. Estás sempre a tentar agradar-lhe.

Vita puxou Nancy pelas escadas de pedra acima, ciente de que a luz não ficaria acesa muito tempo e que precisavam de chegar ao quinto andar. Quando se aproximaram do corredor delas, já lhe doía o braço de puxar por Nancy. Ouviu o *Sr. Wild* ladrar as suas habituais boas-vindas.

— Detesto este lugar — queixou-se Nancy. — É tão acanhado. E cheira a feijão cozido.

— Serve perfeitamente. E quase nunca cá estamos. Estamos sempre na rua, por Paris — recordou-lhe Vita. — Basta-nos um lugar pequeno.

Estava ansiosa por enfiar Nancy dentro do quarto. Atrapalhou-se com a chave e apalpou no escuro à procura do interruptor, fazendo

com que a luz se acendesse, trémula. Puxou Nancy para dentro e, aliviada por estarem em casa, encostou-se contra a porta. O *Sr. Wild* pulava e corria em círculos. Nancy pegou nele ao colo.

— Oh, meu bebezinho!

Abraçou o cão, pousando-o de seguida, e ele saltou para Vita, que fez cócegas ao pequeno cão branco, mas não lhe pegou ao colo. Só podia ser realmente afetuosa quando Nancy não estava por perto; caso contrário, ela ficava com ciúmes de o *Sr. Wild* gostar mais de Vita. Mas provavelmente isso devia-se ao facto de ser Vita a lembrar-se de o alimentar e lhe dar água, já para não falar de ser sempre ela a levá-lo à rua de manhã. O *Sr. Wild*, que tinha claramente estado ansiosamente à espera delas, enrolou-se na sua caminha e soltou um suspiro doce e contente.

Vita atirou com os sapatos, colocando as chaves no pequeno aparador de entrada no corredor, mas Nancy ficou a balançar, instável, a fitar o seu reflexo no espelho prateado, como se não se reconhecesse a si própria.

— O *Sr. Wild* já não me ama — lamentou-se ela.

— Ama. Só está cansado. Olha para ele — disse Vita, fazendo um gesto afetuoso com a cabeça para o cão. — Já passa muito da hora de dormir dele — acrescentou enfaticamente.

— Tu amas-me? — perguntou Nancy, com uma voz queixosa.

À luz, Vita reparou que ela tinha os olhos vermelhos e o batom borrado. Não admira que Madame Vertbois lhes tivesse lançado um olhar de reprovação.

— Claro que sim — disse Vita, reconhecendo o início de uma tirada piegas.

— Não me amas o suficiente. Como quero que me ames.

Vita sentiu as faces a enrubescerem. Uma vez ficara completamente bêbeda com Nancy no banho, e os pormenores da intimidade física alcoolizada que se seguiram ainda a chocavam e assustavam. Sempre soube que Nancy queria mais dela. Até revelara a Vita, quando tinham fugido de Londres, que há muito que estava apaixonada por ela. Vita tinha quase a certeza de que a ridícula paixão de Nancy havia acabado, mas por vezes — como agora — parecia que se movia sobre areias movediças, sem saber o que Nancy realmente queria dela.

— Beija-me — pediu Nancy com uma voz arrastada, fechando os olhos e tentando agarrar Vita. — Quero ser beijada. O teu primeiro beijo foi nos meus lábios, e agora estás em dívida comigo.

— É melhor ires deitar-te — aconselhou Vita, esquivando-se, envergonhada.

— Oh, eu vou... — disse Nancy, cambaleando para a frente, e Vita agarrou no caule da palmeira, arrancando-a do grande vaso de porcelana, que pôs à frente de Nancy, mesmo a tempo.

— Tens de beber assim tanto? — perguntou Vita, massajando-lhe as costas enquanto ela vomitava.

Detestava ver Nancy naquele estado. Procurou um lugar para pou-sar a palmeira, antes que a terra seca se espalhasse pelo chão. Colocou-a suavemente em cima do bengaleiro.

— Passa-me um cigarro — pediu Nancy quando terminou, pondo-se direita. Tinha ficado com soluços. Alisou o cabelo curto e abanou a cabeça altivamente, como se tivesse acabado de fazer algo muito mais glamoroso do que vomitar.

— Precisas de água — disse Vita, dirigindo-se para a torneira, apesar de saber que os canos fariam muito barulho àquela hora da manhã.

— Cigarro — insistiu Nancy. — E aquilo. A *eau de vie* — acrescentou ela, apontando com o dedo para a garrafa transparente de brandy de pera que estava na pequena mesa da cozinha. Caminhou tropega-mente atrás de Vita para a pequena kitchenette e pegou na garrafa antes de Vita conseguir detê-la, bebendo um gole e gemendo.

— Por favor — implorou Vita. — Para. Vais vomitar ainda mais.

— Não és a minha mãe — disse Nancy, apontando a garrafa na direção de Vita. — Para de me dar ordens.

— Estou a tentar ajudar-te.

— Pois, mas não estás a ajudar nada. Estou farta de ti. Vou sair — declarou Nancy, dando meia-volta e cambaleando de novo para a porta, de garrafa na mão.

— Não podes. É tarde. A Madame Vertbois vai ter um ataque — implorou, correndo para impedir Nancy de chegar à porta. — Não, Nancy. Não — disse ela, com severidade, barrando-lhe o caminho.

— Esta noite não, Nancy. Vem para a cama. Eu durmo contigo.

Os olhos vermelhos de Nancy fixaram os dela em desafio, e de repente a combatividade pareceu esvair-se dela.

— Não me deixes.

— Não te vou deixar.

— Todos me deixam.

— Vem — disse Vita suavemente, tirando a garrafa das mãos de Nancy e levando-a quase em braços para o quarto. Quando a amiga caiu de bruços sobre a cama, Vita tirou-lhe os sapatos e puxou a parte do edredão que estava disponível para cima dela. De seguida voltou para o corredor, lavou o vaso de porcelana e despejou o brandy para o lava-louça, não fosse o diabo tecê-las.

Suspirou, com o cansaço a tomar conta de si — não só por causa do avançado da noite, mas porque estava cansada de ser constantemente abalada emocionalmente pela amiga. Mas o que podia fazer? Estava presa a Nancy, e *alguém* tinha de tomar conta dela quando se comportava daquela forma tão estouvada.

Foi confirmar uma última vez se Nancy estava bem e depois dirigiu-se para o seu próprio quartinho, que, na realidade, só tinha espaço para uma cama e uma cadeira. Deitou-se de costas, sabendo que devia ir fechar as persianas, pois já estava a amanhecer, mas, em vez disso, olhou pelo vidro para o pequeno pedaço de céu rosa-pálido que lhe lembrava a música suave do trompete de Fletch. E adormeceu a imaginar como seria a sensação das mãos dele a percorrerem-lhe o corpo.



PARIS, 1928

Após fugir de Londres à procura de uma nova oportunidade na vida, Vita Casey estabelece-se em Paris, trabalhando discretamente como costureira num cabaré onde a sua melhor amiga, Nancy, atua como bailarina.

Vita é assim arrastada para um mundo de festas e *jazz*, mas, apesar do estilo de vida hedonista que leva, anseia por poder concretizar o sonho de criar as suas próprias peças de *lingerie*. Quando surge a oportunidade de trabalhar para a famosa estilista Jenny Sacerdote, Vita agarra-a de imediato, sendo exposta a um lado completamente diferente da sociedade parisiense.

Nancy, porém, cai numa perigosa espiral de abuso de substâncias. Vita tem de salvar a amiga, e para isso precisa de auxílio. Mas poderá ela confiar verdadeiramente nas pessoas que querem ajudá-la, quando sabe que em Inglaterra há quem deseje a sua ruína?

Uma história emocionante que nos leva até ao furor de Paris de finais dos anos 1920, em que mulheres audazes lutam pelo reconhecimento que lhes permita vingar num mundo dominado por homens.

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-442-1



9 789895 644421

Literatura Traduzida